

Conceituário Maquinatório-Diferença

Produto educacional para uso didático

Conceitos da Filosofia da Diferença e do Método Maquinatório de Pesquisa

Depósito em repositório EduCAPES

Resumo do produto

Este produto educacional consiste em um conceituário, isto é, um repertório organizado de conceitos da Filosofia da Diferença e do Método Maquinatório de Pesquisa (MMP), voltado ao uso didático na formação de pesquisadores, professores e estudantes de pós-graduação em Educação. Quanto ao formato de construção, a ferramenta foi produzida pela consolidação de três conceituários de partida e pela incorporação de obras-fonte primárias de Gilles Deleuze, Félix Guattari, Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Roland Barthes e Sandra Mara Corazza, além da produção autoral do grupo; os conceitos foram normalizados, reunidos sem redundância e remetidos, um a um, à obra em que se formulam, com referências individualizadas em padrão ABNT. Cada conceito é apresentado em uma tabela que reúne seu nome, uma definição em contexto de uso e as respectivas referências, favorecendo uma consulta rápida e amigável.

Quanto à aplicabilidade, o material serve à leitura e à escrita da diferença: apoia a preparação de aulas, a orientação de dissertações e teses, as oficinas de escrileitura e a entrada de novos pesquisadores no vocabulário do campo. Seu contexto de uso é o da pesquisa-escrita em ato, no âmbito do projeto Maquinatórias e da Rede Escrileituras, podendo ser mobilizado tanto para consulta pontual de um conceito quanto para o estudo sistemático do vocabulário da Filosofia da Diferença.

Palavras-chave: conceituário; Filosofia da Diferença; Método Maquinatório de Pesquisa; produto educacional; escrileitura.

Ficha técnica

Tipo de produto	Material didático / produto educacional (conceituário)
Público-alvo	Pós-graduandos, professores e pesquisadores em Educação e Filosofia da Diferença
Área de conhecimento	Educação; Filosofia
Fundamentação	Filosofia da Diferença; Método Maquinatório de Pesquisa (MMP)
Organização	Conceitos em ordem alfabética, apresentados em tabelas
Nº de conceitos	117
Formato	Documento textual (.docx / .pdf)
Repositório	EduCAPES

Como usar

Os conceitos estão organizados em ordem alfabética, cada qual em uma tabela com três campos: o conceito (linha de título), sua definição e uso, e as referências onde é formulado. Para localizar um conceito, percorra a ordem alfabética; ao final, o índice por autor remete cada autor aos conceitos em que suas obras são mobilizadas.

Os conceitos (A–Z)

A-traduzir

Definição e uso	Gesto tradutório contínuo, sem original fixo a ser reproduzido: traduzir e a-traduzir o arquivo da docência de modo que a aula seja, ela própria, um ato de criação. O prefixo 'a-' marca o inacabamento e a abertura da tradução, que não converge para um sentido último, mas prolifera versões. No registro maquinatório, aproxima-se do procedimento didático-tradutório de recolher matérias do arquivo e reinventá-las em ato.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. A-traduzir o arquivo da docência em aula. 2019.

Afecto e percepto (bloco de sensações)

Definição e uso	Par conceitual que define o domínio próprio da arte: perceptos são percepções que se tornaram independentes de quem as percebe, e afectos são afecções que ultrapassam a força de quem as sente. Juntos formam 'blocos de sensações' que se conservam em si, para além do vivido. No campo maquinatório servem de matéria de invenção da escrita, distinguindo a criação artística tanto do conceito (filosofia) quanto da função (ciência).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Afeto (affectus) / Potência de agir

Definição e uso	Na leitura de Espinosa, o afeto (affectus) é a variação contínua da potência de agir de um corpo — aumento (alegria) ou diminuição (tristeza) —, distinto da afecção (affectio), o estado do corpo afetado por outro. Liga-se à pergunta 'o que pode um corpo?', que desloca a moral do juízo para uma ética das potências e dos encontros. Usa-se para pensar corpo, encontro, alegria e potência (distinguir do par afecto/percepto da arte).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Espinosa: filosofia prática. São Paulo: Escuta, 2002.

Agenciamento (agencement)

Definição e uso	Unidade de análise que substitui o par sujeito/objeto: co-funcionamento de elementos heterogêneos (corpos, coisas, signos, desejos) que só existem na relação. Tem dupla face — um agenciamento maquínico de corpos (conteúdo) e um agenciamento coletivo de enunciação (expressão) — e apresenta lados de território e pontas de desterritorialização. Usa-se para descrever como práticas, enunciados e afetos operam juntos em um meio.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

Aparelho de captura / Aparelho de Estado

Definição e uso	Forma de organização que sobrecodifica e apropria os fluxos, estriando o espaço e capturando as forças (renda, lucro, imposto; estoque, trabalho, moeda). Opõe-se, por natureza, à máquina de guerra e ao espaço liso. Usa-se em análises de poder, de institucionalização e de sobrecodificação dos saberes e dos desejos.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

Aprendizado / Signos (semiótica dos signos)

Definição e uso	Aprender é interpretar, decifrar e traduzir signos — não a reconhecimento de algo dado, mas o encontro com um signo que força a pensar. Em Proust, há quatro mundos de signos (mundanos, amorosos, sensíveis e da arte), hierarquizados rumo aos signos da arte, os únicos imateriais e que dão a verdade do tempo. Usa-se para pensar a aprendizagem como violência do signo sobre o pensamento.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Proust e os signos. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.

Arquivamento / Arquivização

Definição e uso	Par de gestos operatórios do Método Maquinatório: o arquivamento substancia e formaliza as matérias recolhidas do meio (crítica sintomatológica), ao passo que a arquivização inventa e formaliza novas funções, singularizando o arquivo (clínica maquinatória). Descrevem, respectivamente, o registro do que se coletou e a diferenciação do que se cria.
Referência(s)	AQUINO, Julio Groppa; DO VAL, Gabriel. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. Pedagogía y Saberes, n. 49, p. 41-53, 2018.

Arquivo

Definição e uso	Sistema geral da formação e da transformação dos enunciados; não o conjunto dos documentos guardados, mas a lei do que pode ser dito e das suas condições de emergência. No maquinatório, funciona como plano de matérias a serem tocadas, montadas e reinventadas, em relação com a máquina abstrata.
Referência(s)	FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. FOUCAULT, Michel. Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.

Arquivo-mar / Poética de arquivo

Definição e uso	Tratamento poético do arquivo (Foucault; Deleuze) como um 'mar' de matérias-signo a recolher, dobrar e transcriar na pesquisa da diferença. Desloca o arquivo do registro do documento morto para o de uma reserva vital de invenção, articulando docência e pesquisa.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017.

Artegrafema

Definição e uso	Conceito-método-procedimento (Specht; Coelho) que articula arte, filosofia e educação em uma escrita sensível e inventiva, numa perspectiva esquizoanalítica e cartográfica. Opera não pela lógica da cura, mas pela afirmação da cor — a potência criadora que transforma a dor em matéria de invenção. Desdobra-se em três procedimentos artegrafemáticos (marcas cartográficas doloríficas, escritas coloríficas e a fabulação entre Rabisco, Rascunho e Desenho). Usa-se como prática de resistência e cuidado na saúde docente.
Referência(s)	SPECHT, Luciana Nunes; COELHO, Alberto D'Ávila. Artegrafemas: uma prática de resistência e cuidado na saúde docente. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/782843145.

Artistagem / Docência-artista

Definição e uso	Concepção da docência como criação artística (artistar), e não como aplicação de técnicas ou reprodução de modelos. O professor é pensado como artista de si, da aula e do currículo, no registro da filosofia da diferença. Usa-se para afirmar a dimensão inventiva e estilística do trabalho docente.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Artistagens: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

Biografema / Método biografemático

Definição e uso	Traço biográfico mínimo, afetivo e ficcional (noção tomada de Barthes) que, isolado, torna-se procedimento de escrita e de pesquisa. O método biografemático compõe vidas e obras por fragmentos intensivos, em oficinas de tradução, sem pretensão de totalidade biográfica.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Introdução ao método biografemático. 2014.

Caos / Caosmos

Definição e uso	O caos definido não pela desordem, mas pela velocidade infinita com que toda forma que nele se esboça também se dissipa. Filosofia, ciência e arte traçam planos (de imanência, de referência, de composição) que recortam o caos sem o suprimir. No maquinatório, o 'ponto no caos' é o gesto inaugural do ritornelo e da criação. (Guattari desenvolve o par caos/caosmose.)
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. GUATTARI, Félix. Caosmose: um novo paradigma estético. São Paulo: Editora 34, 1992.

Cartografia / cartografar

Definição e uso	Método de acompanhamento de processos e de traçado de mapas de intensidades e de linhas (um dos princípios do rizoma): cartografar não é representar um objeto dado, mas seguir o que passa e produzir desvios. Nas novas maquinatórias, cartografar a aula/os sintomas substitui a pretensão de documentá-los. Usa-se em pesquisa da diferença, no artegrafema e na maquinatória da aula.
------------------------	--

Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DE ARAUJO, Róger Albernaz; BOANOVA, Cecília Oliveira. Ruminar migalhas: três arquivos de partida para uma maquinatória da aula. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/783102110. SPECHT, Luciana Nunes; COELHO, Alberto D'Ávila. Artegrafemas: uma prática de resistência e cuidado na saúde docente. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/782843145.
----------------------	--

Cena de experiência (de esrileitura)

Definição e uso	A cena não vale por si, mas pela experiência de invenção que dela emana e deriva: composição imagética de um encontro que não depende de um lugar, mas de uma ínfima parcela de tempo. A cena da experiência torna-se a própria experiência de invenção. Usa-se para pensar a esrileitura como acontecimento inventivo, e não como cenário.
Referência(s)	DE ARAUJO, Róger Albernaz; SCHERER, Larissa. O sem lugar da invenção nas cenas de uma experiência de esrileitura. Diaphonía, v. 11, n. 3, 2025.

Clínica maquinatória

Definição e uso	Polo inventivo-fabulatório do Método Maquinatório de Pesquisa: máquina abstrata de fabulação que, a partir dos sintomas recolhidos, inventa espaços e estados de saúde para a pesquisa. Deriva do acoplamento deleuziano entre crítica e clínica, mas se volta menos para a cura que para a produção de diferença. Forma dupla tensão com a crítica sintomatológica.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997. DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. Pedagogía y Saberes, n. 49, p. 67-80, 2018.

Codificação / Descodificação / Sobrecodificação

Definição e uso	Regimes de inscrição dos fluxos de desejo no socius: a máquina territorial codifica os fluxos; a máquina despótica os sobrecodifica sob uma instância transcendente; a máquina capitalista os descodifica e os submete a uma axiomática. Usa-se em análise histórico-social da produção desejante e, por extensão, dos regimes de saber.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

Conceito (filosofia como criação de conceitos)

Definição e uso	Tese fundadora: a filosofia é a disciplina que consiste em criar conceitos. Um conceito é uma multiplicidade de componentes inseparáveis, com seu contorno, seus devires e sua assinatura; não descreve um estado de coisas, mas recorta um acontecimento. Usa-se para distinguir o pensar filosófico (conceito) da ciência (função) e da arte (sensação).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Conjunção 'E' (pensar por E)

Definição e uso	Contra o 'É' (juízo de atribuição, essência, identidade), Deleuze e Parnet afirmam o 'E' (et): a conjunção que faz proliferar relações, gagueja o pensamento e abre linhas de fuga entre os termos. Pensar por 'E... E... E' é substituir a ontologia do ser pela lógica do agenciamento e do devir. Usa-se para descrever o método relacional e rizomático.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. Diálogos. São Paulo: Escuta, 1998.

Cor / Afirmação da cor (dor-cor)

Definição e uso	Operação central do artegrafema: transformar a dor em matéria de invenção pela afirmação da cor, entendida como potência criadora. Recusa a lógica da cura (retorno a um estado anterior) e afirma a saúde como criação. Usa-se em escritas sensíveis do cuidado e da resistência docente.
Referência(s)	SPECHT, Luciana Nunes; COELHO, Alberto D'Ávila. Artegrafemas: uma prática de resistência e cuidado na saúde docente. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/782843145.

Corpo sem Órgãos (CsO)

Definição e uso	Corpo intensivo e não organizado, limite sempre por atingir do organismo (noção retomada de Artaud). No Anti-Édipo é a superfície de registro da produção desejante; em Mil platôs torna-se um exercício, uma prática ('como criar para si um CsO') de experimentação que resiste ao organismo, à significância e à subjetivação. No maquinatório, modela o 'código aberto' da pesquisa.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).

Crítica-clínica na educação

Definição e uso	Transposição do método crítico-clínico (Deleuze) para o diagnóstico de políticas, documentos e práticas curriculares: ler os sintomas de um texto/política para avaliar as forças e os valores que o compõem. Usa-se na análise crítica de currículos e reformas (p. ex., da BNCC).
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Base Nacional Comum Curricular: apontamentos crítico-clínicos e um trampolim. 2016.

Currículo como acontecimento

Definição e uso	Currículo pensado como acontecimento e drama de criação — não como grade, lista de conteúdos ou sequência de objetivos. Articula-se ao vitalismo da diferença: um currículo se faz nas forças, nos encontros e nas dramatizações que o percorrem. Usa-se em teoria curricular da diferença.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisar o currículo como acontecimento em V exemplos. 2015. CORAZZA, Sandra Mara. O drama do currículo: pesquisa e vitalismo de criação. 2012.

Currículo-nômade

Definição e uso	Currículo pensado com a nomadologia deleuziano-guattariana (máquina de guerra, espaço liso): um currículo que recusa a sedentarização e a estriagem do saber, movendo-se por trajetos e não por pontos fixos. Usa-se em pesquisa curricular que afirma o movimento e a invenção.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Para pesquisar um currículo-nômade (conferência). 2009.

Datamento

Definição e uso	Conceito autoral do Maquinatório: registro da marca (a 'data') deixada pelo deslocamento da pesquisa e do pesquisador no ato de pesquisar. Não é a datação cronológica, mas a inscrição de uma posição em um meio, que permite retornar aos rastros do percurso.
Referência(s)	DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. <i>Pedagogía y Saberes</i> , n. 49, p. 67-80, 2018.

Desejo / Máquinas desejantes (produção desejante)

Definição e uso	O desejo concebido como produção, e não como falta: o inconsciente é uma fábrica (máquinas desejantes que se acoplam por fluxos e cortes), não um teatro de representações. O desejo produz o real e é o elemento que, no maquinatório, inaugura e sustenta o percurso de pesquisa ('produção de produção').
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia</i> . São Paulo: Editora 34, 2010.

Desterritorialização / Reterritorialização

Definição e uso	Ver TERRITÓRIO / DESTERRITORIALIZAÇÃO / RETERRITORIALIZAÇÃO.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia</i> . São Paulo: Editora 34, 2010. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

Devir

Definição e uso	Processo de diferenciação por aliança e contágio (não por filiação nem imitação): devir-animal, devir-mulher, devir-criança, devir-imperceptível. O devir não vai de um termo a outro, mas arrasta ambos para uma zona de indiscernibilidade. No maquinatório, nomeia os deslocamentos que escapam à identidade fixa (devir-nietzschiano, devir-minoritário).
------------------------	---

Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles. Lógica do sentido. São Paulo: Perspectiva, 1998.
----------------------	--

Diagrama / Máquina abstrata

Definição e uso	A máquina abstrata é a pura Função-Matéria — sem forma nem substância, sem distinção de conteúdo e expressão — que traça as linhas de variação de um agenciamento; o diagrama é o seu funcionamento como mapa de relações de forças. Em sua leitura de Foucault, Deleuze chama de diagrama a distribuição imanente do poder. No maquinatório, é a máquina abstrata que 'assina' o conceito de Maquinatório.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010. DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Dida-lé-tica

Definição e uso	Formulação precoce de Corazza: uma didática atravessada pela leitura-e-escrita ('lé') e pelo desejo, contra a didática instrumental e prescritiva. Antecipa o programa posterior da didática-artista da tradução.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Manifesto por uma dida-lé-tica. 1991.

Didática da tradução / Didática-tradutória (transcrição)

Definição e uso	Concepção do ensinar como traduzir-transcriber textos e signos da cultura, no cruzamento de Haroldo de Campos (transcrição) e Jacques Derrida (tradução como diferença). É didática-artista porque cria (vontade, criação e crítica), e não porque aplica; no Maquinatório, funda os 'procedimentos didático-tradutórios' de pesquisa.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Didática-artista da tradução: transcrições. 2013. CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e didática da tradução: vontade, criação e crítica. 2016. DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo (Org.). A prática da diferença. Campinas: Unicamp, 1998.

Diferença (em si mesma)

Definição e uso	Conceito central de uma ontologia da diferença: a diferença pensada por si, liberta da subordinação aos 'quatro grilhões' da representação (identidade, analogia, oposição, semelhança). Não é diferença entre dois termos dados, mas diferença que difere e que faz retornar apenas a si (ligada ao eterno retorno). Fundamenta a crítica da imagem do pensamento e a recursividade do método.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Dobra (le pli) / Subjetivação

Definição e uso	Na leitura deleuziana de Foucault, o 'lado de dentro' é uma dobra do lado de fora: a subjetivação é a operação pela qual as forças se dobram sobre si e constituem um si (relação consigo). Usa-se para pensar a produção da subjetividade para além, e a partir, do saber e do poder.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Docência-pesquisa (tradutória)

Definição e uso	Indissociação entre docência e pesquisa no registro tradutório: ensinar e pesquisar como um só gesto de recolher matérias do arquivo e transcriá-las. Ancora-se no arquivo de conceitos fundamentais (EIS AICE) e na poética de arquivo-mar.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017. CORAZZA, Sandra Mara. Uma introdução aos sete conceitos fundamentais da docência-pesquisa tradutória: arquivo EIS AICE. 2018.

Drama do currículo / Dramatização (oficinas de transcrição)

Definição e uso	Aplicação curricular do método de dramatização (Deleuze): o currículo como drama de forças e de personagens, atualizado em oficinas de transcrição. Distingue-se do método filosófico de dramatização (ver DRAMATIZAÇÃO) por ser sua efetuação didática.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. O drama do currículo: pesquisa e vitalismo de criação. 2012. NODARI, Karen; CORAZZA, Sandra Mara. Um drama no currículo: oficinas de transcrição. 2019.

Dramatização (método de)

Definição e uso	Método que, em vez de perguntar 'o que é?' (essência), pergunta 'quem?', como?, quanto?, onde?, quando?': busca os dinamismos espaço-temporais que encarnam as Ideias antes de qualquer conceito. Base filosófica das dramatizações curriculares.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Dupla articulação / Estratos

Definição e uso	Todo estrato procede por dupla articulação: uma que forma matérias e substâncias (conteúdo), outra que forma funções e expressões (expressão), em pressuposição recíproca. Usa-se para analisar como se compõem matérias e enunciados em qualquer meio; no maquinatório, sustenta a relação conteúdo-expressão da escrita.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

EIS AICE (arquivo de conceitos fundamentais)

Definição e uso	Arquivo/matriz de conceitos fundamentais da docência-pesquisa tradutória, formalizado por Corazza como ponto de partida conceitual da pesquisa em educação da diferença. Funciona como reserva de conceitos a traduzir e a transcriar.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Ensaio sobre EIS AICE. 2017. CORAZZA, Sandra Mara. Uma introdução aos sete conceitos fundamentais da docência-pesquisa tradutória: arquivo EIS AICE. 2018.

Empirismo transcendental

Definição e uso	Programa de Diferença e repetição: buscar as condições da experiência real (e não meramente do possível), apreendendo o sensível não pela reconhecimento, mas naquilo que só pode ser sentido — o intensivo que força a pensar. Opõe-se ao empirismo clássico e ao idealismo transcendental kantiano. Usa-se para fundar uma filosofia da diferença e da gênese do pensamento.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Escrileitura / Escrileitor / Escrileiturartista

Definição e uso	Palavra-valise que nomeia a intersecção leitor-escritor: ler-e-escrever como um só gesto autoral e inventivo, que não pode ser imitado nem funcionar como modelo. O escrileitor é o corpo que passa entre o desejo de ler e o de escrever; a escrileiturartística estende o gesto à pesquisa como criação. No Maquinatório, é procedimento tensor central.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Os cantos de Fouror: escrileitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2008. CORAZZA, Sandra Mara. Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. Projeto de Pesquisa (Observatório da Educação, Edital 038/2010). Porto Alegre: UFRGS/CAPES-INEP, 2010. CORAZZA, Sandra Mara. Tese-manifesto de escrileiturartística na pesquisa em educação. 2010.

Escrileitura canibal / antropofágica

Definição e uso	Variante da escrileitura que assume a antropofagia oswaldiana: devorar criticamente os textos da cultura para transcriá-los. Afirma a apropriação criadora como método de escrita e de pesquisa.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Manifesto (della scrilettura cannibale). 2008.

Espaço liso e Espaço estriado

Definição e uso	Dois tipos de espaço sempre em mistura: o liso (aberto, direcional, nômade, do acontecimento) e o estriado (métrico, dimensional, sedentário, do Estado). Um se converte no outro. Usa-se em análises de território, arte, música, matemática e política.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

Espiritografia / Método espiritográfico

Definição e uso	Procedimento tradutório que escreve seguindo o 'espírito' de um autor (p. ex., Valéry): não copia a letra, mas transcreve o gesto de pensamento. Compõe, com a sonhografia, os métodos de criação de Corazza e colaboradores.
Referência(s)	CAMPOS, Idalina Krause de; REIS, Cláudia; CORAZZA, Sandra Mara. Métodos espiritográfico e sonhográfico. 2020.

Esquizoanálise

Definição e uso	Análise positiva das máquinas desejantes, oposta à psicanálise edipiana e representativa: em vez de interpretar o desejo como falta e teatro, mapeia sua produção social e política. Usa-se como método de análise do desejo e das formações sociais.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

Estética da existência (na docência)

Definição e uso	Fazer da própria vida — e da docência — uma obra a ser criada e estilizada (Foucault, com ressonâncias de Nietzsche). Desloca a ética de um código de normas para um exercício de invenção de si. Usa-se em ética-estética do trabalho docente.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Por uma estética da existência. 2009.

Eterno retorno (seletivo)

Definição e uso	Não o retorno do mesmo, mas o ser do devir: só retorna aquilo que difere e que se afirma; o retorno é uma roda seletiva que elimina as forças reativas e o negativo. Funciona como prova ética-ontológica ('quer isto de tal modo que queiras seu eterno retorno') e como pensamento da diferença que retorna.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001. DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Experimentação

Definição e uso	A arte e a escrita concebidas como experiência (não como aplicação): tanto a experimentação de escrever quanto a desacomodação de um leitor por vir. No maquinatório, agencia-se ao mercado literário e à minoração da língua como forma de produzir sensações.
Referência(s)	LARROSA, Jorge. Tremores: escritos sobre experiência. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.

Fabulatório / Fabulação

Definição e uso	A potência do falso que produz o verdadeiro: fabular deslocamentos, perspectivas e personagens para fazer a pesquisa dizer o que não estava dado. Na clínica maquinatória, a maquinação fabulatória inventa estados de saúde a partir das matérias recolhidas.
------------------------	--

Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Conversações (1972-1990). São Paulo: Editora 34, 2010. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
----------------------	---

Figura / Figural

Definição e uso	A Figura pictórica que escapa tanto ao figurativo/narrativo quanto ao abstrato: capta forças e sensações sobre o corpo, em vez de contar uma história. O figural é a via da sensação direta. Usa-se em análise da pintura e da estética do sensível.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Francis Bacon: lógica da sensação. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Fluxos e cortes

Definição e uso	Regime de funcionamento das máquinas desejanças: toda máquina corta um fluxo produzido por outra (produzir-produto), de modo que a produção é sempre produção de produção. Descreve a positividade e a continuidade-descontínua do desejo.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

Forças ativas e reativas

Definição e uso	Tipologia qualitativa das forças: ativas são as que vão até o limite do que podem e afirmam a diferença; reativas são as que separam a força daquilo que ela pode (adaptação, utilidade, conservação). Toda leitura sintomatológica pergunta que força se apodera de algo e o que ela quer.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001.

Gagueira / Agramaticalidade / Estrangeiro na própria língua

Definição e uso	Procedimentos de minoração da língua maior: gaguejar na própria língua, forçar a sintaxe ao seu limite, tornar-se estrangeiro no próprio idioma. Colocam a língua em variação contínua e liberam intensidades, gritos, timbres. No maquinatório, são procedimentos escredutores de invenção.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Kafka: por uma literatura menor. Rio de Janeiro: Imago, 1997. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Geofilosofia

Definição e uso	O pensamento pensado como relação entre território e terra, movido por desterritorialização: a filosofia tem geografia, e não só história. Usa-se para situar o pensamento em meios, climas e territórios, e não em uma sucessão cronológica de doutrinas.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Hipertexto / Virtual (Lévy)

Definição e uso	O texto que remete a outros textos em rede, e a virtualização como desprendimento do aqui-e-agora (Pierre Lévy). No Maquinatório, mobiliza-se com os QR Codes, que funcionam como linhas de fuga entre o impresso e o online. (Distinguir do par filosófico VIRTUAL / ATUAL de Deleuze.)
Referência(s)	LÉVY, Pierre. O que é o virtual? São Paulo: Editora 34, 2001.

Imagem do pensamento (crítica da) / Imagem dogmática

Definição e uso	Conjunto de pressupostos implícitos que dizem o que 'todo mundo sabe' que é pensar (bom senso, reconhecimento, verdade como método, erro como único negativo). Deleuze denuncia essa imagem dogmática e busca um 'pensamento sem imagem'. No MMP, sua reversão é um procedimento.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Imagem-cristal (cristal de tempo)

Definição e uso	Ponto de indiscernibilidade entre o atual e o virtual, em que a imagem presente e sua imagem-lembrança coalescem: o cristal faz ver o tempo em seu duplo jorro — o presente que passa e o passado que se conserva. Usa-se na análise do cinema moderno e da imagem-tempo.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Cinema 2: a imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Imagem-movimento

Definição e uso	Regime clássico da imagem cinematográfica em que o tempo se subordina ao movimento e à montagem. A imagem-movimento diferencia-se em imagem-percepção, imagem-afecção e imagem-ação, encadeadas por esquema sensório-motor (retomada de Bergson). Usa-se em teoria do cinema e da imagem.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Cinema 1: a imagem-movimento. São Paulo: Brasiliense, 1985.

Imagem-tempo

Definição e uso	Regime do cinema moderno em que se rompe o esquema sensório-motor e o tempo se apresenta diretamente, não mais deduzido do movimento: imagens ópticas e sonoras puras, lençóis de passado e pontas de presente, potências do falso. Usa-se em teoria do cinema, do tempo e da imagem.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Cinema 2: a imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2007.

Infância sem fim / Infância do currículo

Definição e uso	Infância pensada como potência e devir (não como etapa cronológica a ser superada): uma infância 'sem fim' que atravessa o currículo e o próprio pensar. Usa-se em estudos de infância e nas relações entre infância e currículo.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. História da infância sem fim. Ijuí: Unijuí, 2004. CORAZZA, Sandra Mara. Currículo da infância e infância do currículo: uma questão de imagem. 2010.

Intensidade / Diferença intensiva

Definição e uso	O intensivo como razão suficiente do sensível: aquilo que difere em si, aquém da qualidade e da extensão em que se explica e tende a se cancelar. A intensidade é a forma da diferença como razão do que aparece. Usa-se em ontologia e teoria da sensação.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Intercessores

Definição e uso	Aqueles — pessoas, coisas, animais, fictícios — sem os quais não há criação: é preciso fabricar seus próprios intercessores para poder exprimir-se. No maquinatório, Deleuze e Guattari funcionam como intercessores da pesquisa; a 'potência do falso' opera por eles.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Conversações (1972-1990). São Paulo: Editora 34, 2010.

Intermezzo / criar pelo meio

Definição e uso	O meio (entremeio) por onde as intensidades passam e adquirem velocidade: não se cria a partir de um começo ou de um fim, mas sempre pelo meio, na relação com um território. Princípio rítmico do método (ora um meio, ora um modo, ora um ritmo).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Inventário de procedimentos didáticos de tradução

Definição e uso	Repertório sistematizado de procedimentos de transcrição para a aula e a pesquisa — uma 'caixa de ferramentas' didático-tradutória. Articula teoria, prática e método de pesquisa.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa. 2018.

Jogo de dados / afirmação do acaso

Definição e uso	Afirmar de uma só vez todo o acaso (o lance de dados) em vez de fragmentá-lo em cálculos de probabilidade: quem sabe afirmar o acaso afirma também a necessidade dos números que dele saem. Ética do acaso, ligada ao eterno retorno afirmativo.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001.

Lado de fora (le dehors)

Definição e uso	O 'fora' como elemento das forças, mais distante que qualquer mundo exterior e mais próximo que qualquer interioridade: aquilo de que o saber (visível/enunciável) e o poder derivam, e que a subjetivação dobra. Leitura deleuziana de Foucault.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Limite-do-homem

Definição e uso	Prospecção conceitual autoral (Montoito; Araújo) a partir dos conceitos nietzschianos de moral, niilismo e super-homem: um limite em que forças afirmativas de resistência se experimentam contra as forças reativas de sujeição. Formulado na leitura de Bart Simpson e Bartleby.
Referência(s)	MONTOITO, Rafael; ARAÚJO, Róger Albernaz de. Acerca do limite-do-homem: Bart Simpson e Bartleby problematizam os conceitos de moral, niilismo e super-homem em Nietzsche. <i>Holos</i> , ano 34, v. 8, p. 158-173, 2018. NIETZSCHE, Friedrich. <i>Genealogia da moral</i> . São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

Língua maior / Língua menor / Literatura menor

Definição e uso	Não duas línguas, mas dois usos ou tratamentos da língua: o maior extrai constantes e serve à ordem; o menor coloca a língua em variação contínua, por subtração e proliferação. A literatura menor é aquela em que tudo é político e coletivo. No maquinatório, orienta o 'fazer linguístico-literário-escritureiro'.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Kafka: por uma literatura menor</i> . Rio de Janeiro: Imago, 1997. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Linhas (segmentaridade dura, flexível, de fuga)

Definição e uso	Todo indivíduo ou grupo é composto por três linhas: a de segmentaridade dura (molar), a de segmentaridade flexível (molecular) e a linha de fuga (que desterritorializa). A cartografia consiste em traçar essas linhas. Usa-se em micropolítica e na cartografia da escrita e da vida.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).

Lógica da sensação

Definição e uso	A sensação como aquilo que age imediatamente sobre o sistema nervoso, aquém da representação e da narração: uma lógica não racional, feita de ritmos, níveis e forças. Usa-se em estética e teoria do sensível (pintura, corpo, ritmo).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. <i>Francis Bacon: lógica da sensação</i> . Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.

Máquina de guerra / Nomadologia

Definição e uso	Forma de exterioridade irreduzível ao aparelho de Estado, ligada ao nômade, ao espaço liso e à invenção; sua 'guerra' é secundária, pois seu objeto é ocupar/traçar um espaço e criar. Usa-se em análises de criação, resistência e nomadismo (currículo-nômade).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. <i>Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia</i> . v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

Maquinatória da aula

Definição e uso	Aplicação do Método Maquinatório à aula (De Araujo; Boanova): exercício cartográfico que trata os registros de uma aula como arquivos de partida (monumentos) e tensiona seus deslocamentos, de modo que a aula funciona ao mesmo tempo como aparelho de Estado e como máquina de guerra. Usa-se para cartografar o acontecimento-aula e produzir, com seus restos, novas linhas de pensamento.
Referência(s)	DE ARAUJO, Róger Albernaz; BOANOVA, Cecília Oliveira. Ruminar migalhas: três arquivos de partida para uma maquinatória da aula. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/783102110. DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. Pedagogía y Saberes, n. 49, p. 67-80, 2018.

Maquinatório / Método Maquinatório de Pesquisa (MMP)

Definição e uso	Conceito e método autorais (De Araujo; Corazza): modo de pesquisar em 'código aberto' que articula, em dupla tensão, uma crítica sintomatológica e uma clínica maquinatória, tensionando um Plano de Organização/Referência e um Plano de Invenção/Criação, com uma linha de recursividade. Diagrama-se pela relação entre o Arquivo (Foucault) e a Máquina Abstrata (Deleuze e Guattari).
Referência(s)	DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. Pedagogía y Saberes, n. 49, p. 67-80, 2018. DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisar: uma atitude didático-tradutória de escrever a vida. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017.

Meio-dia / Meia-noite (Atual e Potencial)

Definição e uso	Par de imagens nietzschianas mobilizado no artegrafema (a claridade que queima e a noite): distingue o Atual (meio-dia) e o Potencial (meia-noite) como dois regimes de um mesmo movimento. Usa-se para pensar a alternância entre o que é e o que pode vir a ser na escrita e no cuidado.
Referência(s)	SPECHT, Luciana Nunes; COELHO, Alberto D'Ávila. Artegrafemas: uma prática de resistência e cuidado na saúde docente. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/782843145. NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zarathustra. Porto Alegre: L&PM, 2021.

Método Valéry-Deleuze

Definição e uso	Acoplamento de Paul Valéry e Gilles Deleuze para pensar a criação intelectual como drama: um método de pesquisa-criação em educação que trata o pensar como fazer/obra. Base de vários procedimentos tradutórios de Corazza.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual da educação. 2012.

Molar / Molecular

Definição e uso	Duas ordens de grandeza e de organização, sempre coexistentes: o molar das grandes formações (classes, Estados, segmentos duros) e o molecular dos fluxos e micro-relações. Não se opõem como grande/pequeno, mas como dois regimes de multiplicidade. Base da distinção entre macro e micropolítica.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).

Monumento (vs documento)

Definição e uso	Na acepção foucaultiana, o arquivo é tratado como monumento — positividade a descrever em sua espessura própria — e não como documento que representaria um fato ausente. Nas novas maquinatórias, os registros de uma aula são monumentos: não dizem o que a aula foi, mas funcionam como matéria de cartografia. Usa-se para deslocar a análise da representação para a descrição das positivities.
Referência(s)	FOUCAULT, Michel. Arqueologia do saber. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997. DE ARAUJO, Róger Albernaz; BOANOVA, Cecília Oliveira. Ruminar migalhas: três arquivos de partida para uma maquinatória da aula. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/783102110.

Moral (dos senhores e dos escravos) / Niilismo / Super-homem

Definição e uso	Conjunto de conceitos nietzschianos: a moral dos senhores (afirmativa) e a dos escravos (reativa, do ressentimento); o niilismo como triunfo do nada de vontade; o super-homem (além-do-homem) como quem afirma a vida e cria valores. Problematizados na leitura educacional de personagens (Bart, Bartleby).
Referência(s)	NIETZSCHE, Friedrich. Genealogia da moral. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. NIETZSCHE, Friedrich. Assim falou Zaratustra. Porto Alegre: L&PM, 2021.

Mov invenções

Definição e uso	Conceito autoral: movimentar e inventar arquivos em um mesmo gesto. Nomeia o procedimento de mapear e reinventar os percursos de pesquisa (p. ex., com QR Codes), em que recolher e criar são uma via de mão dupla.
Referência(s)	DE ARAUJO, Róger Albernaz; SANTOS, Tamires Guedes dos; BOANOVA, Cecília Oliveira. Mov invenções em pesquisa: um como dizer com QR Codes. Revista Thema, v. 23, n. 1, p. 254-266, 2024.

Multiplicidade

Definição e uso	O múltiplo tratado como substantivo, sem unidade superior que o totalize ou sobrecode: não há o Uno que se divide nem o todo que reúne, apenas dimensões que variam. Toda multiplicidade se define por suas linhas e por seus limiares de desterritorialização. Princípio do rizoma e da pesquisa da diferença.
------------------------	---

Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).
----------------------	---

Palavra de ordem (mot d'ordre)

Definição e uso	A unidade elementar da linguagem não é a informação, mas a palavra de ordem: todo enunciado transmite ordens e efetua 'transformações incorpóreas'. Há, porém, um outro aspecto da palavra de ordem — a fuga, a variação — que a converte em senha de vida. No maquinatório, o tensor a coloca em variação (um 'sim' à vida).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Personagens conceituais

Definição e uso	Figuras (o Idiota, o Amigo, o Louco...) que povoam o plano de imanência e efetuam os movimentos do pensamento do filósofo, sem se confundir com ele. Usa-se ao analisar a enunciação e a dramaturgia interna de um conceito ou de uma obra.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Perspectivismo

Definição e uso	Não um relativismo (a verdade varia conforme o sujeito), mas a afirmação de que a coisa é a perspectiva, e o ponto de vista é o da diferença. Herdado da leitura de Nietzsche, torna-se, no MMP, o primeiro procedimento: compor perspectivas de relação com o meio.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001. DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. Pedagogía y Saberes, n. 49, p. 67-80, 2018.

Pesquisa-ensino (o hífen)

Definição e uso	O hífen que liga, de modo necessário, pesquisa e ensino na formação docente: não se ensina sem pesquisar nem se pesquisa sem ensinar. Formulação de Corazza sobre a indissociação formativa.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o hífen da ligação necessária na formação docente. 2002.

Plano de imanência / Plano de consistência

Definição e uso	O plano pré-filosófico e pré-conceitual sobre o qual se traçam os conceitos (imanência) e no qual tudo se compõe por relações de velocidade e de afeto entre elementos não formados (consistência). Não é um conceito, mas a imagem/pressuposto do pensamento. Distinguir do plano de referência (ciência) e do plano de organização.
------------------------	---

Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).
----------------------	--

Plano de referência / Functivos

Definição e uso	O modo próprio da ciência: em vez de conceitos, functivos e funções; em vez de plano de imanência, um plano de referência com coordenadas, que atualiza o virtual e enfrenta o caos dando-lhe referência (limite, velocidade finita). Usa-se para distinguir ciência de filosofia e de arte.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.

Plano de Referência / Plano de Criação (no Maquinatório)

Definição e uso	Apropriação, pelo MMP, do par de planos: um Plano de Referência que desenha o território do que é (o atual, a organização) e um Plano de Criação/Invenção que provê a potência do que pode vir a ser (o virtual), ambos em dupla articulação e conectados por uma linha de recursividade. Distinguir dos usos filosófico e científico dos 'planos'.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O que é a filosofia? Rio de Janeiro: Editora 34, 1992. DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. Pedagogia y Saberes, n. 49, p. 67-80, 2018.

Poética de aula / Direito à poética

Definição e uso	A aula como criação poética, à qual se afirma um direito: contra a aula-modelo, a poética da aula reivindica sua dimensão inventiva e sensível ('sonhos de tinta'). Usa-se para pensar o ensino como criação.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. O direito à poética de aula: sonhos de tinta. 2019.

Pós-curriculo

Definição e uso	Curriculo pensado para além das teorias crítica e pós-crítica, no registro da diferença e da criação: menos representação e ideologia, mais invenção e artistagem. Usa-se em teoria curricular contemporânea.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.

Potências do falso

Definição e uso	Substituição da forma do verdadeiro pela potência do falso como potência propriamente criadora: o falsário/narrador que não cessa de metamorfosear-se torna indiscerníveis o real e o imaginário e faz do tempo o fundamento do falso. Ressoa na fabulação da pesquisa maquinatória (a 'potência do falso' que produz o verdadeiro). Usa-se em cinema, narrativa e teoria da criação.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Cinema 2: a imagem-tempo. São Paulo: Brasiliense, 2007. DELEUZE, Gilles. Conversações (1972-1990). São Paulo: Editora 34, 2010.

Professor-pesquisador (formação que afirma a vida)

Definição e uso	Formação docente concebida como criação pedagógica e afirmação vital, em que aprender a pesquisar é aprender a inventar. Opõe-se à formação como aplicação de técnicas.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica. 2011.

Professor-tradutor

Definição e uso	Docente que traduz-transcreve a cultura no currículo e na aula: figura da didática da tradução aplicada à prática docente (inclusive na educação infantil). Usa-se para analisar o ensino como ato tradutório.
Referência(s)	SCHVINGEL, Cláudia; CORAZZA, Sandra Mara. O professor-tradutor: imagens do projeto político-pedagógico na educação infantil. 2016.

Regime de signos

Definição e uso	Toda formalização de expressão semiótica: os regimes significante, pós-significante/subjetivo, contrassignificante, pré-significante — sempre mistos. Remetem às máquinas abstratas e aos agenciamentos de enunciação. Usa-se em análise de enunciação e de subjetivação.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Repetição (por si mesma)

Definição e uso	A repetição pensada como potência da diferença, e não do idêntico: repetir é sempre repetir um disfarce, um deslocamento (repetição vestida), nunca a volta do mesmo (repetição nua). Distingue-se da generalidade e da troca. Correlata da diferença e do eterno retorno.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Resistência / Relações de saber-poder

Definição e uso	As relações de saber e de poder que constituem um território, e a resistência como aquilo que lhes é correlato e primeiro ('o ato de resistência é humano e é também um ato de arte'). No maquinatório, sustenta a zona de resistência entre os planos da pesquisa.
Referência(s)	FOUCAULT, Michel. Microfísica do poder. Rio de Janeiro: Graal, 1979. DELEUZE, Gilles. Conversações (1972-1990). São Paulo: Editora 34, 2010.

Ressentimento, má consciência, ideal ascético

Definição e uso	As três figuras do triunfo das forças reativas na leitura deleuziana da Genealogia da moral: o ressentimento (a reação que não passa ao ato), a má consciência (a dor voltada contra si) e o ideal ascético (a vontade de nada). Usa-se em diagnóstico do niilismo e das forças reativas.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001.

Ritornelo

Definição e uso	Agenciamento territorial expresso em três aspectos de um mesmo movimento: um ponto de estabilidade no caos, um círculo/território em torno dele e uma abertura (linha de fuga) para fora. É o ritmo que faz e desfaz territórios. No MMP, modela os três aspectos do procedimento (ponto no caos, olhar em volta, criar).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

Rizoma

Definição e uso	Modelo de multiplicidade não hierárquica, oposto à imagem arborescente do saber, definido por princípios de conexão, heterogeneidade, multiplicidade, ruptura assignificante, cartografia e decalcomania. Um rizoma não tem começo nem fim, sempre um meio. No maquinatório, é a forma do mapa-percurso da pesquisa.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Rostidade (máquina de rostidade)

Definição e uso	Produção do rosto por uma máquina abstrata que combina um 'muro branco' da significância e um 'buraco negro' da subjetividade. O rosto não é um dado, mas um sistema político de significância e subjetivação. Usa-se em análise de subjetivação, significância e poder.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).

Ruminação / Migalhas (ruminar migalhas)

Definição e uso	Ruminar é mastigar de novo o que já foi mastigado — não para extrair um sentido último, mas para fazer proliferar novas linhas a partir dos restos (as 'migalhas') de um acontecimento que já passou. Imagem metodológica (com ressonância nietzschiana da ruminação) do trabalho cartográfico sobre os arquivos-restos da aula. Usa-se para pensar a análise como retomada inventiva, e não como esgotamento do sentido.
Referência(s)	DE ARAUJO, Róger Albernaz; BOANOVA, Cecília Oliveira. Ruminar migalhas: três arquivos de partida para uma maquinatória da aula. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/783102110.

Sem lugar da invenção

Definição e uso	Conceito autoral (De Araujo; Scherer): o paradoxo de um 'lugar sem lugar' e de um 'tempo sem tempo' em que a invenção se vivifica. O sem lugar da invenção torna-se o lugar possível da própria invenção; é uma via de errância, desprovida de certezas, que requer apenas o tempo de relação. Usa-se para pensar a potência inventiva da escrileitura para além de um sítio ou de um método fixo.
Referência(s)	DE ARAUJO, Róger Albernaz; SCHERER, Larissa. O sem lugar da invenção nas cenas de uma experiência de escrileitura. Diaphonía, v. 11, n. 3, 2025.

Sínteses do inconsciente / síntese de verdade

Definição e uso	As três sínteses da produção desejante — conectiva (produção), disjuntiva (registro) e conjuntiva (consumo) — com seus usos legítimos e ilegítimos (edipianos). No maquinatório, articula-se à crítica das 'sínteses de verdade' que se colocam como transcendentais e produzem juízos.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010.

Sínteses passivas do tempo (hábito, memória, eterno retorno)

Definição e uso	As três sínteses do tempo operadas por um sujeito larvar: o presente vivo (hábito), o passado puro (memória) e o futuro como eterno retorno (que só faz voltar a diferença). Fundam a teoria deleuziana do tempo e da subjetividade.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Sintomatologia / Crítica sintomatológica (crítica e clínica)

Definição e uso	Avaliar fenômenos como sintomas de forças e de valores — o pensador como 'sintomatologista' ou 'médico da civilização'. Deleuze acopla crítica e clínica: a obra (e a pesquisa) diagnóstica e cria saúde. No MMP, a crítica sintomatológica é o polo que ausculta os sintomas do funcionamento de um meio.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001. DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997. DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. Pedagogía y Saberes, n. 49, p. 67-80, 2018.

Sociografia / Escrita sociográfica

Definição e uso	Escrita que compõe o social como matéria de criação, tratando-o como texto a transcriar; procedimento didático-tradutório de pesquisa. Usa-se em investigações que fazem do coletivo matéria de escrita inventiva.
Referência(s)	ADÓ, Máximo; CORAZZA, Sandra Mara. A escrita sociográfica como didática transcriadora. 2015.

Sonhografia / Aula-sonho

Definição e uso	O sonho tomado como matéria e método de escrita e de aula (aula-sonho): escrever e ensinar a partir do onírico, no registro da educação da diferença. Compõe, com a espiritografia, os métodos de criação de Corazza e colaboradores.
Referência(s)	REIS, Cláudia; CORAZZA, Sandra Mara. Sonhografias em educação. 2021.

Tensor

Definição e uso	Elemento (expressão atípica) que não é nem constante nem variável, mas assegura a variação da variável, subtraindo a cada vez o valor da constante (n-1): faz a língua tender a um limite e opera a transitivização da frase. É, no maquinatório, o operador do que 'passa' entre dois ou mais estratos.
------------------------	--

Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).
----------------------	--

Território / Desterritorialização / Reterritorialização

Definição e uso	Trio de movimentos correlatos: o território se compõe por marcas expressivas (ritornelo); a desterritorialização é a linha de fuga que dele sai; a reterritorialização, a recomposição em novo território. Atravessa desejo, língua e geografia. No maquinatório, descreve a dinâmica entre captura e fuga da pesquisa. (As formulações percorrem O anti-Édipo e os cinco volumes de Mil platôs.)
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 2010. DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS). DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).

Texto (Tecido)

Definição e uso	Texto entendido, com Barthes, como Tecido — entrelaçamento perpétuo — e não como registro fechado de sentido ou de prazer. Amplia a noção de texto para além do escrito, alcançando todo meio de conteúdo e expressão. Base da escreitura.
Referência(s)	BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 2015. BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1996.

Transcrição

Definição e uso	Tradução criadora (Haroldo de Campos): traduzir recriando, transpondo forma e força de um texto para outro, e não apenas seu conteúdo. Em Corazza, torna-se operação central da didática da tradução e da transcrição do currículo.
Referência(s)	CAMPOS, Haroldo de. Transcrição. Org. Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013. CORAZZA, Sandra Mara. O que se transcreve em educação? Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013. CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo. 2015.

Transitivização

Definição e uso	Efeito recursivo pelo qual o último termo de uma cadeia reage sobre o precedente, retomando toda a cadeia e colocando-a em variação: é o que o tensor opera na frase e, por extensão, nas relações de escreitura (transitivização potencial-atual).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Transvaloração / Transmutação

Definição e uso	Mudança no elemento do qual deriva o valor: passar do negativo/reativo à afirmação, de modo que não se trata de novos valores, mas de um novo modo de avaliar e de sentir. Ética da afirmação, correlata do eterno retorno.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001.

Variação contínua

Definição e uso	Colocar em variação as constantes e as próprias variáveis, em vez de extrair constantes: princípio da língua menor, da música e do agenciamento. É sustentada pelo tensor e é o motor do deslocamento das relações no maquinatório.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).

Virtual / Atual (atualização)

Definição e uso	O virtual como plenamente real, embora não atual, que se atualiza por diferenciação — e a atualização não se faz por semelhança, mas por criação de linhas divergentes. Distinguir do possível (que só se 'realiza' por semelhança). Base da ontologia e da teoria da criação/do problema. (Não confundir com o 'virtual' de Lévy.)
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Diferença e repetição. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

Visível e Enunciável (as duas formas do saber)

Definição e uso	Na leitura deleuziana de Foucault, o saber é o entrelaçamento de duas formas irreduzíveis: as visibilidades (a luz) e os enunciados (a linguagem). Entre elas não há correspondência, mas captura mútua sob o diagrama do poder. Usa-se para pensar arquivo e saber.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Foucault. São Paulo: Brasiliense, 2005.

Vitalismo

Definição e uso	Afirmação da vida como potência de criação e de variação — não um princípio biológico, mas uma 'métrica não-fascista' que faz a análise retornar sobre si em espiral e não se fechar. Nas novas maquinatórias, o vitalismo é a linha que mantém o pensamento aberto ao acontecimento da aula. Usa-se para afirmar a vida como critério imanente de criação (com Deleuze).
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Crítica e clínica. São Paulo: Editora 34, 1997. DE ARAUJO, Róger Albernaz; BOANOVA, Cecília Oliveira. Ruminar migalhas: três arquivos de partida para uma maquinatória da aula. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/783102110.

Vontade de potência

Definição e uso	Elemento diferencial e genético das forças — aquilo que qualifica (ativo/reactivo) e que é qualificado (afirmativo/negativo) —, e não um 'querer o poder'. É princípio interno de avaliação e de produção de sentido e de valor. Base da tipologia das forças.
Referência(s)	DELEUZE, Gilles. Nietzsche e a filosofia. Porto: Rés, 2001.

Vontade de potência do professor artistador

Definição e uso	Transposição, por Corazza, da vontade de potência à força criadora docente: a potência afirmativa do professor que artista o currículo e a aula pela didática da tradução. Usa-se para pensar a criação como força vital do ensino.
Referência(s)	CORAZZA, Sandra Mara. A vontade de potência do professor artistador: currículo e didática da tradução. 2016.

Referências consolidadas (ABNT)

- ADÓ, Máximo; CORAZZA, Sandra Mara. A escrita sociográfica como didática transcriadora. 2015.
- AQUINO, Julio Groppa; DO VAL, Gabriel. Uma ideia de arquivo: contributos para a pesquisa educacional. *Pedagogía y Saberes*, n. 49, p. 41-53, 2018.
- BARTHES, Roland. Aula. São Paulo: Cultrix, 1996.
- BARTHES, Roland. O prazer do texto. São Paulo: Perspectiva, 2015.
- CAMPOS, Haroldo de. Transcrição. Org. Marcelo Tápia e Thelma Médici Nóbrega. São Paulo: Perspectiva, 2013.
- CAMPOS, Idalina Krause de; REIS, Cláudia; CORAZZA, Sandra Mara. Métodos espiritográfico e sonhográfico. 2020.
- CORAZZA, Sandra Mara. A formação do professor-pesquisador e a criação pedagógica. 2011.
- CORAZZA, Sandra Mara. A vontade de potência do professor artistador: currículo e didática da tradução. 2016.
- CORAZZA, Sandra Mara. A-traduzir o arquivo da docência em aula. 2019.
- CORAZZA, Sandra Mara. Artistagens: filosofia da diferença e educação. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- CORAZZA, Sandra Mara. Base Nacional Comum Curricular: apontamentos crítico-clínicos e um trampolim. 2016.
- CORAZZA, Sandra Mara. Currículo da infância e infância do currículo: uma questão de imagem. 2010.
- CORAZZA, Sandra Mara. Currículo e didática da tradução: vontade, criação e crítica. 2016.
- CORAZZA, Sandra Mara. Didática da tradução, transcrição do currículo. 2015.
- CORAZZA, Sandra Mara. Didática-artista da tradução: transcrições. 2013.
- CORAZZA, Sandra Mara. Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017.
- CORAZZA, Sandra Mara. Ensaio sobre EIS AICE. 2017.
- CORAZZA, Sandra Mara. Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida. Projeto de Pesquisa (Observatório da Educação, Edital 038/2010). Porto Alegre: UFRGS/CAPES-INEP, 2010.
- CORAZZA, Sandra Mara. História da infância sem fim. Ijuí: Unijuí, 2004.
- CORAZZA, Sandra Mara. Introdução ao método biografemático. 2014.
- CORAZZA, Sandra Mara. Inventário de procedimentos didáticos de tradução: teoria, prática e método de pesquisa. 2018.
- CORAZZA, Sandra Mara. Manifesto (della scrilettura cannibale). 2008.
- CORAZZA, Sandra Mara. Manifesto por uma dida-lé-tica. 1991.
- CORAZZA, Sandra Mara. Método Valéry-Deleuze: um drama na comédia intelectual da educação. 2012.
- CORAZZA, Sandra Mara. O direito à poética de aula: sonhos de tinta. 2019.
- CORAZZA, Sandra Mara. O drama do currículo: pesquisa e vitalismo de criação. 2012.
- CORAZZA, Sandra Mara. O que quer um currículo? Pesquisas pós-críticas em educação. Petrópolis: Vozes, 2001.
- CORAZZA, Sandra Mara. O que se transcria em educação? Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2013.
- CORAZZA, Sandra Mara. Os cantos de Fouror: escrileitura em filosofia-educação. Porto Alegre: Sulina; UFRGS, 2008.
- CORAZZA, Sandra Mara. Para pesquisar um currículo-nômade (conferência). 2009.
- CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisa-ensino: o hífen da ligação necessária na formação docente. 2002.
- CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisar o currículo como acontecimento em V exemplos. 2015.
- CORAZZA, Sandra Mara. Por uma estética da existência. 2009.
- CORAZZA, Sandra Mara. Tese-manifesto de escrileiturartística na pesquisa em educação. 2010.
- CORAZZA, Sandra Mara. Uma introdução aos sete conceitos fundamentais da docência-pesquisa tradutória: arquivo EIS AICE. 2018.
- DE ARAUJO, Róger Albernaz; BOANOVA, Cecília Oliveira. Ruminar migalhas: três arquivos de partida para uma maquinatória da aula. *Revista Tópicos*, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/783102110.

- DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Método maquinatório de pesquisa. *Pedagogía y Saberes*, n. 49, p. 67-80, 2018.
- DE ARAUJO, Róger Albernaz; CORAZZA, Sandra Mara. Pesquisar: uma atitude didático-tradutória de escrever a vida. In: CORAZZA, Sandra Mara (Org.). *Docência-pesquisa da diferença: poética de arquivo-mar*. Porto Alegre: Doisa; UFRGS, 2017.
- DE ARAUJO, Róger Albernaz; SANTOS, Tamires Guedes dos; BOANOVA, Cecília Oliveira. Movinvenções em pesquisa: um como dizer com QR Codes. *Revista Thema*, v. 23, n. 1, p. 254-266, 2024.
- DE ARAUJO, Róger Albernaz; SCHERER, Larissa. O sem lugar da invenção nas cenas de uma experiência de escreitura. *Diaphonía*, v. 11, n. 3, 2025.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Kafka: por uma literatura menor*. Rio de Janeiro: Imago, 1997.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 1. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 2. São Paulo: Editora 34, 1995. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 3. São Paulo: Editora 34, 1996. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 4. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *Mil platôs: capitalismo e esquizofrenia*. v. 5. São Paulo: Editora 34, 1997. (Coleção TRANS).
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O anti-Édipo: capitalismo e esquizofrenia*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. *O que é a filosofia?* Rio de Janeiro: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. *Diálogos*. São Paulo: Escuta, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 1: a imagem-movimento*. São Paulo: Brasiliense, 1985.
- DELEUZE, Gilles. *Cinema 2: a imagem-tempo*. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Conversações (1972-1990)*. São Paulo: Editora 34, 2010.
- DELEUZE, Gilles. *Crítica e clínica*. São Paulo: Editora 34, 1997.
- DELEUZE, Gilles. *Diferença e repetição*. Rio de Janeiro: Graal, 2006.
- DELEUZE, Gilles. *Espinosa: filosofia prática*. São Paulo: Escuta, 2002.
- DELEUZE, Gilles. *Foucault*. São Paulo: Brasiliense, 2005.
- DELEUZE, Gilles. *Francis Bacon: lógica da sensação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.
- DELEUZE, Gilles. *Lógica do sentido*. São Paulo: Perspectiva, 1998.
- DELEUZE, Gilles. *Nietzsche e a filosofia*. Porto: Rés, 2001.
- DELEUZE, Gilles. *Proust e os signos*. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2003.
- DERRIDA, Jacques. Carta a um amigo japonês. In: OTTONI, Paulo (Org.). *A prática da diferença*. Campinas: Unicamp, 1998.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia das ciências e história dos sistemas de pensamento*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2008.
- FOUCAULT, Michel. *Arqueologia do saber*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1997.
- FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 1979.
- GUATTARI, Félix. *Caosmose: um novo paradigma estético*. São Paulo: Editora 34, 1992.
- LARROSA, Jorge. *Tremores: escritos sobre experiência*. Belo Horizonte: Autêntica, 2015.
- LÉVY, Pierre. *O que é o virtual?* São Paulo: Editora 34, 2001.
- MONTOITO, Rafael; ARAÚJO, Róger Albernaz de. Acerca do limite-do-homem: Bart Simpson e Bartleby problematizam os conceitos de moral, niilismo e super-homem em Nietzsche. *Holos*, ano 34, v. 8, p. 158-173, 2018.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Assim falou Zaratustra*. Porto Alegre: L&PM, 2021.
- NIETZSCHE, Friedrich. *Genealogia da moral*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.

NODARI, Karen; CORAZZA, Sandra Mara. Um drama no currículo: oficinas de transcrição. 2019.

REIS, Cláudia; CORAZZA, Sandra Mara. Sonhografias em educação. 2021.

SCHVINGEL, Cláudia; CORAZZA, Sandra Mara. O professor-tradutor: imagens do projeto político-pedagógico na educação infantil. 2016.

SPECHT, Luciana Nunes; COELHO, Alberto D'Ávila. Artegrafemas: uma prática de resistência e cuidado na saúde docente. Revista Tópicos, 2026. DOI: 10.70773/revistatopicos/782843145.

Índice remissivo de conceitos

Conceitos em ordem alfabética, com a página em que cada um se encontra.

A-traduzir	3
Afecto e percepto (bloco de sensações)	3
Afeto (affectus) / Potência de agir	3
Agenciamento (agencement)	3
Aparelho de captura / Aparelho de Estado	3
Aprendizado / Signos (semiótica dos signos)	4
Arquivamento / Arquivização	4
Arquivo	4
Arquivo-mar / Poética de arquivo	4
Artegrafema	4
Artistagem / Docência-artista	5
Biografema / Método biografemático	5
Caos / Caosmos	5
Cartografia / cartografar	5
Cena de experiência (de escrileitura)	6
Clínica maquinatória	6
Codificação / Descodificação / Sobrecodificação	6
Conceito (filosofia como criação de conceitos)	6
Conjunção 'E' (pensar por E)	6
Cor / Afirmação da cor (dor-cor)	7
Corpo sem Órgãos (CsO)	7
Crítica-clínica na educação	7
Currículo como acontecimento	7
Currículo-nômade	7
Datamento	8
Desejo / Máquinas desejantes (produção desejante)	8
Desterritorialização / Reterritorialização	8
Devir	8
Diagrama / Máquina abstrata	9
Dida-lé-tica	9
Didática da tradução / Didática-tradutória (transcrição)	9
Diferença (em si mesma)	9
Dobra (le pli) / Subjetivação	9
Docência-pesquisa (tradutória)	10
Drama do currículo / Dramatização (oficinas de transcrição)	10
Dramatização (método de)	10
Dupla articulação / Estratos	10
EIS AICE (arquivo de conceitos fundamentais)	11
Empirismo transcendental	11
Escrileitura / Escrileitor / Escrileiturartista	11
Escrileitura canibal / antropofágica	11
Espaço liso e Espaço estriado	11
Espiritografia / Método espiritográfico	12
Esquizoanálise	12
Estética da existência (na docência)	12
Eterno retorno (seletivo)	12
Experimentação	12
Fabulatório / Fabulação	12
Figura / Figural	13

Fluxos e cortes	13
Forças ativas e reativas	13
Gagueira / Agramaticalidade / Estrangeiro na própria língua	13
Geofilosofia	13
Hipertexto / Virtual (Lévy)	13
Imagem do pensamento (crítica da) / Imagem dogmática	14
Imagem-cristal (cristal de tempo)	14
Imagem-movimento	14
Imagem-tempo	14
Infância sem fim / Infância do currículo	14
Intensidade / Diferença intensiva	15
Intercessores	15
Intermezzo / criar pelo meio	15
Inventário de procedimentos didáticos de tradução	15
Jogo de dados / afirmação do acaso	15
Lado de fora (le dehors)	15
Limite-do-homem	16
Língua maior / Língua menor / Literatura menor	16
Linhas (segmentaridade dura, flexível, de fuga)	16
Lógica da sensação	16
Máquina de guerra / Nomadologia	16
Maquinatória da aula	16
Maquinatório / Método Maquinatório de Pesquisa (MMP)	17
Meio-dia / Meia-noite (Atual e Potencial)	17
Método Valéry-Deleuze	17
Molar / Molecular	17
Monumento (vs documento)	18
Moral (dos senhores e dos escravos) / Niilismo / Super-homem	18
Mov invenções	18
Multiplicidade	18
Palavra de ordem (mot d'ordre)	18
Personagens conceituais	19
Perspectivismo	19
Pesquisa-ensino (o hífen)	19
Plano de imanência / Plano de consistência	19
Plano de referência / Functivos	19
Plano de Referência / Plano de Criação (no Maquinatório)	20
Poética de aula / Direito à poética	20
Pós-curriculum	20
Potências do falso	20
Professor-pesquisador (formação que afirma a vida)	20
Professor-tradutor	21
Regime de signos	21
Repetição (por si mesma)	21
Resistência / Relações de saber-poder	21
Ressentimento, má consciência, ideal ascético	21
Ritornelo	21
Rizoma	22
Rostidade (máquina de rostidade)	22
Ruminação / Migalhas (ruminar migalhas)	22
Sem lugar da invenção	22
Sínteses do inconsciente / síntese de verdade	22
Sínteses passivas do tempo (hábito, memória, eterno retorno)	23
Sintomatologia / Crítica sintomatológica (crítica e clínica)	23

Sociografia / Escrita sociográfica	23
Sonhografia / Aula-sonho	23
Tensor	23
Território / Desterritorialização / Reterritorialização	23
Texto (Tecido)	24
Transcrição	24
Transitivização	24
Transvaloração / Transmutação	24
Variação contínua	25
Virtual / Atual (atualização)	25
Visível e Enunciável (as duas formas do saber)	25
Vitalismo	25
Vontade de potência	25
Vontade de potência do professor artistador	25

Índice remissivo por autor

Autores das fontes, com as páginas dos conceitos em que suas obras são referenciadas.

ADÓ, Máximo	23
AQUINO, Julio Groppa	4
BARTHES, Roland	24
BOANOVA, Cecília Oliveira	5, 16, 18, 22, 25
CAMPOS, Haroldo de	24
CAMPOS, Idalina Krause de	12
COELHO, Alberto D'Ávila	4, 5, 7, 17
CORAZZA, Sandra Mara	3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 14, 15, 16, 17, 19, 20, 21, 23, 24, 25
DE ARAUJO, Róger Albernaz	5, 6, 8, 16, 17, 18, 19, 20, 22, 23, 25
DELEUZE, Gilles	3, 4, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
DERRIDA, Jacques	9
DO VAL, Gabriel	4
FOUCAULT, Michel	4, 18, 21
GUATTARI, Félix	3, 5, 6, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 15, 16, 17, 18, 19, 20, 21, 22, 23, 24, 25
LARROSA, Jorge	12
LÉVY, Pierre	13
MONTOITO, Rafael	16
NIETZSCHE, Friedrich	16, 17, 18
NODARI, Karen	10
PARNET, Claire	6
REIS, Cláudia	12, 23
SANTOS, Tamires Guedes dos	18
SCHERER, Larissa	6, 22
SCHVINGEL, Cláudia	21
SPECHT, Luciana Nunes	4, 5, 7, 17